

ORA CAPITÃ, ORA MAESTRINA

POR PATRICK SELVATTI

Sucesso no streaming internacional que chega amanhã também à tevê aberta, na Band, *Beleza fatal* conquistou o Brasil com sua receita clássica de um grande novelão. Como capitã do projeto — de autoria de Raphael Montes e supervisão de texto de Silvio de Abreu — está a diretora Maria de Médicis, conhecida por seus trabalhos em novelas da TV Globo e séries da Netflix antes de ser contratada pela Max para a sua primeira incursão ao gênero na América latina.

Maria começou sua carreira como atriz, com um único papel em *Tieta* (1989), que está sendo reprisada, mas logo se encaminhou para a direção. “Não considero ter tido nenhuma carreira como atriz. Já na escola de teatro, eu tinha decidido ir para a direção”, afirmou à *Revista*. Carimbada no ofício atrás das câmeras, assinou sucessos como *JK* (2006), *Paraíso tropical* (2007), *Sangue bom* (2013) e *Rocky story* (2016), deixou a Globo após 29 anos e foi convidada para substituir, no projeto da Max, a colega Joana Jabace, designada para outro projeto.

Para a diretora experiente, um dos maiores desafios foi achar o tom da novela inovadora. “Em termos

de planejamento, foi achar como fazer essa novela de 40 capítulos, que era algo que não tinha sido feito no mercado ainda. E, artisticamente, o desafio foi a gente achar o tom da novela.”

Aprendendo com os fracassos

O conceito de sucesso, para Maria de Médicis, é a conexão com o público e a capacidade de se comunicar por meio da história contada. “Sucesso é fazer com amor, com afeto, com alegria, é se comunicar, e conseguir que o lado de lá veja todo esse nosso amor com o trabalho, e com a história que quisemos contar”, completou ela, que também experimentou o fracasso em outras produções. “Fracasso ninguém gosta de fazer, mas ensina muito para a gente. O líder de um projeto que não é um sucesso, que é um fracasso, ele precisa comandar aquele navio e não deixar afundar. É saber que mesmo que você esteja caminhando rumo a um iceberg, aquela tripulação precisa

estar motivada e feliz”, elabora a maestrina da orquestra, que seguiu tocando com dignidade os Titanics prestes a naufragar.

Um desses fracassos está relacionado à escalação de artistas brancos fazendo baianos em *Segundo sol*, novela que ela dirigiu em 2017, com o mestre Dênnis Carvalho. Ela reconhece que foi uma escolha infeliz e que abriu os olhos para a importância da representatividade no elenco. “Não precisava ter acontecido isso, mas, pelo menos, abriu-se um pouco os olhos das pessoas de que era impraticável você ter um elenco branco, muito pior sendo um elenco de uma história na Bahia, mas em qualquer lugar, isso não representa o Brasil”, admite.

Para as direções de cenas íntimas, mais erotizadas, como ocorre em *Beleza fatal*, na opinião de Maria de Médicis, o olhar feminino traz mais sensibilidade à cena. “Eu vou ‘puxar a sardinha’ para o meu lado e para o da mulherada: eu acho que a gente tem um olhar mais sensível, sim. Tem homens que fazem cenas íntimas maravilhosas, mas acho que a gente tem um olhar diferente, talvez menos infectado pelo que os homens foram obrigados a fazer pela vida”, argumenta a diretora, que endossa o coro de que o machismo estrutural ainda é uma realidade que reduz o número de mulheres no posto de comando. “Quando a gente chega lá, eles não seguram a gente, não! Mas a gente precisa chegar lá”, conclui.

» **Leia a entrevista completa em www.correiobraziliense.com.br**

